

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM TRECHOS MUSICAIS:
UM ESTUDO A PARTIR DO GOSTO MUSICAL DE ADOLESCENTES DO ENSINO
MÉDIO EM PELOTAS – RS**

Adriana Recart Romano

Jenice Tasqueto de Mello

Resumo: O presente artigo surgiu do interesse de investigar trechos musicais significativos para estudantes do ensino médio, a partir de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. O objetivo foi o de conhecer que tipos de representações de gênero os trechos musicais apresentam para que também se possa compreender melhor, como educadores, o universo do adolescente com o qual se lida diariamente em sala de aula. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário acerca do gosto musical dos adolescentes. A partir desse questionário delimitaram-se três eixos significativos para análise: corações pulsantes, alternativas e ginga. Os apontamentos conclusivos nos levam a verificar que as representações de gênero são variadas, e que, o universo dos adolescentes entrevistados é terno, cheio de expectativas frente ao futuro, porém recheado de jogos amorosos nos quais, por suas falas, podem-se perceber papéis de gênero bem marcados que nós como educadores, podemos tentar desconstruir.

Palavras- chave: Gênero. Música. Adolescentes. Currículo.

Introdução

A necessidade de inclusão da temática de gênero no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem sendo discutida por educadores e reforçada por regulamentação nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), tal como pode ser verificada:

É inegável que há muitas diferenças nos comportamentos de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagens é papel de todo educador. O trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. Desde muito cedo são transmitidos padrões de comportamento diferenciados para homens e mulheres. A flexibilidade dos padrões visa a permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gênero (PCN - orientação sexual, 1998, p.322).

Com relação ao comportamento de meninos e meninas, um olhar mais atento permite que se perceba um significativo aspecto ligado ao gênero na escola: o relacionamento dos estudantes entre si, ou seja, agrupamento espontâneo em “clubes do Bolinha e da Luluzinha”, pois, não raro, as meninas ficam em um determinado grupo enquanto os meninos se filiam a outro.

Esse comportamento, comum, espontâneo e provavelmente sem perversidade, permite que se reconheça que a escola vem passando por um período onde o desafio de lidar com situações diversas como gênero e sexualidade a cada dia se torna mais constante. Os educadores devem ter a percepção que cada faixa etária exige uma maneira de abordagem diferenciada no referente ao tema sobre gênero e sexualidade.

Guacira Lopes Louro (1995) ressalta que a forma de agrupamento, circulação e movimentação no ambiente escolar às vezes pode nos passar despercebido, porém reflete a naturalização de comportamentos que a escola, como formadora de sujeitos, embora não somente ela, tende a fazer.

Concordo com a ideia da autora e estendo essa percepção para a música, pensando na possibilidade da música também atuar como “formadora de sujeitos”, já que igualmente propõe e até institui determinados comportamentos, atitudes, ideias, aos adolescentes. Percebi que o tema “gênero, música e adolescentes” também foi objeto de interesse de Helena Lopes da Silva (2006) que analisou a “música na construção da identidade de gênero no espaço escolar”.

Refletindo nas possibilidades que a música remete e voltando meu olhar para estudantes adolescentes, ***objetivei utilizar trechos musicais de interesse desses estudantes para investigar quais as possíveis representações de gênero que eles trazem e***, dessa forma, conhecer para poder atingir mais significativamente esse universo adolescente, inclusive curricularmente.

A seguir passo a expor o entendimento do que seja **gênero e representação**, para deixar bem claro como irei direcionar o meu olhar, bem como tecer considerações sobre currículo escolar, gênero e sexualidade, para esclarecer onde estão pautadas minhas análises posteriores.

Em seguida, explico os **procedimentos metodológicos** tomados para o propósito deste artigo.

Logo passo aos **resultados e discussão** para finalmente tecer algumas considerações que tendam dar um **fechamento às ideias** propostas já que, não penso, nem de longe, tê-las esgotado.

1 Gênero e representação

Teresa de Lauretis em “A Tecnologia do Gênero”

defende a tese de que os discursos (institucionais, artísticos - como cinema e literatura -, entre outros), contribuem para perpetuar as diferenças estereotipadas impostas para diferenciar masculino e feminino. A autora então procura um conceito de gênero que desfaça e desconstrua a imbricação de gênero e as diferenças sexuais (1994, p.209).

A partir dessa tese a autora levanta a possibilidade que o termo gênero venha a ter “implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas” (p.209), se concretizando no comportamento dos sujeitos.

Para a autora, “a representação do gênero é a sua construção (p. 209)” e evolui à medida que a sociedade também evolui. Essa construção do gênero é ininterrupta, mas também pode se dar pela sua desconstrução. Isso equivale dizer

em qualquer discurso, feminista ou não, que veja o gênero como apenas uma representação ideológica falsa. O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação (1994, p.209).

A autora, nesse artigo citado, que considero bastante denso, vem reforçar meu olhar para a música, no sentido do quanto ela pode vir a contribuir para perpetuar diferenças entre o masculino e o feminino. Questiono: Que sujeitos a música fabrica? E a escola, que sujeitos a escola fabrica?

Aproprio-me das palavras de Louro para esclarecer e reforçar meu entendimento de representação, sob o qual pretendo aguçar meu olhar, ou seja,

representação não como um reflexo ou espelho da realidade, mas como sua constituidora. Nessa perspectiva, não cabe perguntar se uma representação ‘corresponde’ ou não ao ‘real’, mas, ao invés disso, como as representações produzem sentidos, quais seus efeitos sobre os sujeitos, como elas constroem o ‘real’ (LOURO, 2007, p.99).

2 Currículo escolar, gênero e música

No sentido exposto anteriormente torna-se indispensável “questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem” (LOURO, 2007, p.64). Segundo a autora, o que ensinamos tem implicações que se relacionam com a manutenção de uma sociedade dividida, pois esse é um comprometimento da escola e é feito cotidianamente, quer participemos ou não.

Ressalta-se a necessidade dos educadores aguçarem sua percepção nas necessidades dos estudantes, pois, “a escola é atravessada pelos gêneros, e é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (LOURO 2007, p.89). Sendo atravessada pelos gêneros “as instituições e práticas não somente ‘fabricam’ os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações étnicas, sexuais, de classe, etc”(idem,p.88).

No que diz respeito à sexualidade e educação Deborah Britzman (1999, p.86) salienta que “existe muitos obstáculos, tanto nas mentes das professoras, quanto na estrutura da escola, que impedem uma abordagem cuidadosa e ética da sexualidade na educação”. Para a autora as questões íntimas são deixadas em segundo plano e o mais relevante é o ensino dos fatos.

Por não haver estímulo ao desenvolvimento da curiosidade as questões da sexualidade são relegadas “ao espaço das respostas certas ou erradas” (idem, p. 86) em detrimento do desenvolvimento “de uma curiosidade que poderia levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes” (idem).

Percebo a música como uma possibilidade de explorar questões de sexualidade, acredito que minha proposta de escrita pelos estudantes, de trechos musicais de seu interesse, e sua posterior análise por mim, podem dar indícios aos professores das direções dos adolescentes em relação a questões de gênero e sexualidade, ou melhor, *dos sentidos tomados para si*.

Pensando a música na escola de outra forma, ou seja, como possibilidade de desconstrução de tabus estabelecidos ao longo dos anos, Britzman (1999) a aponta como possível de explorar fissuras, insuficiências, traições e ilusões do conhecimento, tudo no sentido de “desestabilizar a docilidade da educação” (p.108).

Os trechos musicais podem levar ou não os professores a direções surpreendentes, revelando questões que são relegadas no espaço da sala de aula. Isso porque a versão da

sexualidade ainda não tolerada (ao menos no currículo escolar) é exercitada, no cotidiano das pessoas, ficando “no domínio da cultura mais ampla: na literatura, no filme, na música, na dança, nos esportes, na moda e nas piadas” (BRITZMAN, 1999, p.92).

3 Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, que segundo Minayo (1998, p. 21), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]”.

O estudo de campo foi realizado em uma escola estadual do município de Pelotas, RS. Como critério de seleção da referida instituição de ensino foram avaliados a permissão da escola e a disponibilidade das turmas para realização do trabalho.

O questionário foi o instrumento de coleta de dados utilizado, composto por quatro questões abertas acerca do gosto musical dos adolescentes. Foi distribuído para estudantes de seis turmas de primeiro ano do ensino médio da referida escola, sendo a amostra voluntária da pesquisa constituída pelo número de adolescentes que expressaram o desejo de responder o questionário. No total foram entrevistados 100 (cem) estudantes, dentre esses, 61 (sessenta e um) do sexo feminino e 39 (trinta e nove) do sexo masculino, cujas idades oscilavam entre 14 a 17 anos.

4 Que sentidos os adolescentes tomaram para si?

A partir da análise dos questionários evidenciei grande variedade de gostos musicais, com os mais variados ritmos: gospel, forró, MPB, rock, pop, sertanejo, hip hop, samba, axé, brega, internacional. Desta forma, não foi apresentada uma tendência única à predileção musical. Porém, quando foram comparadas “qual o estilo musical que preferes ouvir” com “os trechos de músicas que os mesmos mencionaram no questionário” pude perceber um descompasso, pois a maioria dos adolescentes diz gostar mais de determinada música, mas na hora de transcrever os trechos musicais colocava outras músicas que não aquelas do estilo que mencionaram.

Porém, percebi que suas posições em relação aos trechos escolhidos tinham a ver com **sentimento**, quando falavam simplesmente do amor; com **pensamento**, quando falavam de estilos de vida; ou com **ação**, esta relacionada com jogos amorosos que seus discursos

apresentavam. Levando em consideração essas três posições delimitei três eixos que considereei significativos para análise, são eles: **CORAÇÕES PULSANTES** (ressaltando um pouco do romantismo nos trechos escritos - *sentimento*), **ALTERNATIVAS** (nomeando estilos de vida bem como a ânsia por vencer desafios demonstrados - *pensamentos*) e **GINGA** (identificando apelo sexual e jogo amoroso nos discursos - *ação*).

Levando em conta algumas hipóteses que foram emergindo no decorrer da análise da pesquisa, percebi que o gosto musical dos adolescentes está diretamente relacionado com hábitos constantemente atualizados pela ação da indústria cultural e contribuem para a produção de significações sobre o mundo onde se inserem, onde existe uma cultura massiva, globalizada, mas também uma cultura pertencente a grupos.

Em primeiro lugar devo explicar por que **CORAÇÕES PULSANTES**, embora esta generalização seja completamente subjetiva, foi a expressão escolhida para classificar o gosto musical dos adolescentes envolvidos no gênero musical romântico, embora tenha convicção que as expressões do romantismo são alteradas em cada época.

As músicas, entre aquelas que alunos e alunas ouvem, que tendem para o romantismo, mais referidas foram, respectivamente: 1. “*Vagalume*”, da banda Pollo; 2. “*É pra sempre*” da banda Quinto Elemento 3. “*Tão longe de você*”, do grupo Revelação, cujos trechos das letras foram transcritas para viabilizar a compreensão da análise para leitores e leitoras.

1-*Vagalume* (Pollo):

“Vou caçar mais de um milhão de vagalumes por ai, pra te ver sorrir eu posso colorir o céu de outra cor.

Eu só quero amar você e quando amanhecer eu quero acordar do seu lado.....”

2-*É pra sempre* (Quinto Elemento):

“Eu me sinto tão bem quando estou com ela, sei que não existe outra que nem ela eu sei que o que ela quer e também o que ela sente e é com ela que eu vou viver pra sempre.

Era o que eu não procurava mais porem encontrei, era o que eu não imaginava e talvez por isso gamei eu não te faço rainha também não quero ser rei só quero que seja minha somente e isso que eu sei ei mulher te quero até, até que dure esse amor e que ele dure pra sempre”

Essas duas músicas, *Vagalume* e *É pra sempre*, foram mais citadas pelas meninas.

A música *Tão longe de você* foi a mais referida pelos meninos.

3-*Tão longe de você* (Grupo Revelação):

“Se quiser as estrelas pra você eu vou buscar

Desafio o infinito mas não fico sem te amar Sou capaz de fazer uma loucura de paixão Pra ter você no coração”.

A afirmação de que o romantismo seja uma característica atribuída ao gênero feminino, é desmentida pela preferência que o gênero masculino apontou.

Cabe aqui inserir algumas informações da UNICEF apresentadas por Marie-Pierre Poirier (2011, p. 58) sobre “o impacto de ser menino ou menina: situação da adolescência brasileira 2011”, para que se pense o quanto a escola e a vida se distanciam desse universo de “romantismo”. A escola por explorar a memorização de conteúdos por vezes sem significado para os estudantes e a vida por não oferecer, às vezes, as mínimas condições para que esse romantismo floresça saudavelmente, se é que posso dizer assim.

As informações que mencionei acima ao se referirem sobre as condições de vida dos adolescentes brasileiros a partir da perspectiva de gênero, apontam algumas vulnerabilidades evidenciadas de forma mais incisiva para as meninas e outras, para os meninos. Assinalam que os adolescentes homens estão desproporcionalmente mais sujeitos à exclusão no sistema educacional e mais expostos à violência que as meninas, essas, porém, “são especialmente vulneráveis à exploração e ao abuso sexual, inclusive dentro de suas casas; ao abandono da escola em decorrência da gravidez na adolescência; e às DST/AIDS” (p.58).

Que universo incoerente com o romantismo apontado! O relatório segue assinalando que a gravidez na adolescência dá as meninas uma condição de maior fragilidade – “embora os meninos também tenham que lidar com os desafios da paternidade” (idem, p.58) –, porém são as mortes violentas que afetam mais fortemente os garotos. Os números mostram que, “nos últimos anos, vem se consolidando essa tendência” (idem), bem como assinalam o trabalho infantil doméstico como preocupante por vitimar “cerca de 500 mil crianças e adolescentes” (idem), em maior número, as meninas.

Ao serem analisadas as estatísticas na perspectiva de gênero tem-se que,

Na educação, as desigualdades de gênero também ficam claras. Enquanto a proporção de meninas de 16 e 17 anos com ensino fundamental completo em 2009 era de 71,5%, a de meninos ficou bem abaixo, em 58,5%. No que diz respeito ao ensino médio, mais diferenças entre eles e elas. Entre as adolescentes de 15 a 17 anos, 56,7% frequentavam escolas de ensino médio em 2009. Já entre os meninos, esse número era de 45,3%. Dos 500 mil adolescentes analfabetos no Brasil, os meninos representam esmagadora maioria: 68,4% do total de adolescentes brasileiros que não sabem ler ou escrever (POIRIER, 2011, p58).

Jaqueline Moll, diretora de Concepções e Orientações Curriculares da Educação Básica do MEC, se pronuncia sobre esse quadro, no mesmo site da UNICEF (2011), esclarecendo que “o MEC quer ampliar a jornada das crianças e reinventar o percurso formativo que elas vivem na escola” (p.88).

Na reinvenção desse percurso formativo apostado na música como uma excelente possibilidade, pois acredito que a música, trabalhada em diferentes perspectivas, possa

aproximar campos do conhecimento diferentes explorando o mundo pessoal, o universo social e as inquietações que os estudantes possam apresentar.

Se, “a escola tem que fazer um grande esforço para que esses meninos e meninas consigam estar no espaço da escola e efetivamente aprender” (idem), penso que a música possa atuar como agradável facilitador desse processo, pois, conforme MOLL o modelo “no qual as crianças são classificadas, distribuídas, recebem tarefas e ficam em silêncio [...] não serve para a juventude e a infância contemporâneas” (idem).

ALTERNATIVAS foi a conotação para nomear **estilos de vida**, bem como a **ânsia por vencer desafios** demonstrados – *pensamentos*.

Em **estilos de vida** a música mais citada pelos meninos foi “*O errado que deu certo*” - Charlie Brown Jr., cujo trecho transcrito faz referência a:

“Se eu corro atrás do que é melhor pra mim deve ser, por que o meu tempo de volta o seu dinheiro não traz eles querem que você se sinta mal pois assim eles se sentem bem”

E em relação à escolha das meninas a música mais mencionada foi “*Ousadia e alegria*” - Thiaguinho, onde o trecho transcrito remete à:

“O nosso lema é ousadia e alegria, a nossa cara é pagode todo dia, cheio de estilo na pressão eu vou com tudo, só espalhando ousadia pelo mundo”.

O trecho transcrito pelas adolescentes mostra novas possibilidades de construções de mulheres, diferentes dos padrões que se conhece (ousadas; que vão com tudo).

Embora escolhas diferenciadas de letras musicais, ambos (meninos e meninas) demonstram o “meter a cara” característico do adolescente. Penso que para esses estudantes a ousadia é “correr atrás”.

Já em relação a **vencer desafios** às duas músicas mais citadas pelas meninas foram: “*Dias de Luta, Dias de Glória*” - Charlie Brown Jr. e “*Colisão*” - Anderson Freire.

“Dias de Luta, Dias de Glória” - Charlie Brown Jr.:

“Podem me tirar tudo o que tenho, só não podem me tirar as coisas boas que já fiz pra quem eu amo eu sou feliz e canto, universo é uma canção eu vou que vou”.

“Colisão” - Anderson Freire:

“Preciso ser o oposto do que o mundo é Bater de frente com os meus desafios, resistir o mal até o fim, e uma hora ele fugirá mim”.

E os meninos, em relação ao estilo de vida, a música mais mencionada foi:

“Desce a Ladeira” – Projota

“A cada sonho que se foi, um novo sonho se formou no coração de um homem que na vida tanto errou, tracei a minha rota para um caminho melhor abasteci o meu motor com dez mil litros de suor...”

Na minha percepção, o amor projetado em “*Dias de Luta, Dias de Gloria*” pode ser análogo ao novo sonho que se formou no coração de um homem, em “*Desci a ladeira*”.

Novamente trago aqui o cotidiano escolar e suas imbricações questionando-me sobre como o currículo escolar pode atingir o “meter a cara”, os “sonhos”, “o amor”, a “ousadia”, que esses adolescentes demonstraram sentir. Como colaborar com o “vencer desafios” apontados? Faço uso do questionamento de “como as diferentes linguagens que constituem os currículos escolares que planejamos e implementamos constroem, ajudam a manter ou redefinem posições sociais de gênero e de sexualidade?” (MEYER, 2008, p.27).

Quando a autora citada faz o questionamento acima, logo a seguir considera que uma das implicações dessa pergunta é avaliar a não existência de disciplinas formais objetivando o ensino de

como transformar crianças em meninos e meninas e estes e estas em homens e mulheres, a exemplo do que se faz em matemática quando aprendemos a adicionar, multiplicar ou dividir; ou, ainda, de como se pretende fazer, com relação ao sexo, no contexto de determinadas propostas de educação sexual escolar (MEYER, 2008, p.27).

Acredito que o comprometimento dos educadores pode vir a gerar alguma mudança significativa impedindo a cristalização de papéis nas atribuições do que é ser feminino ou masculino.

GINGA foi a conotação utilizada para mencionar a identificação do **apelo sexual e jogo amoroso** nos discursos - *ação*).

Com relação ao *apelo sexual*, tanto as meninas quanto os meninos selecionaram as mesmas músicas, são elas: “*Ela é Top*” - Mc Bola e “*Amor de Chocolate*” – Naldo.

Ela é Top- Mc Bola

“*Ela não ela desfila, ela é top capa de revista, ela é mais mais ela arasa no luque tira foto no espelho pra botar no facebook*”.

Amor de Chocolate- Naldo

“*Vodka ou água de coco Pra mim tanto faz
Gosto quando fica louca E cada vez eu quero mais*”.

Com relação ao *jogo amoroso* a música mais citada pelos meninos foi “*Passinho do Volante - MC Federado*” - E os leleques, cujo trecho transcrito faz referencia a:

“Ah lelek lelek lelek lelek girando, girando, girando pro lado
Girando, girando, girando, pro outro no passinho do volante quero ver o baile”.

Já em relação às meninas a música mais mencionada que diz respeito *ao jogo amoroso* é “*Dividido*” - Os Travessos, cujo trecho faz referência a:

[...]chega a madrugada e o telefone toca, mas se não atendo bate em minha porta só que eu tenho medo de me arrepender. Fico dividido[...]

Os sentidos que os adolescentes tomaram para si na *ginga* têm a ver com aparência, “*ela desfila, ela é top capa de revista*”; com álcool, “*Vodka ou água de coco*”; com sexo, “*Gosto quando fica louca - E cada vez eu quero mais*”. Esses três “ingredientes”, aparência, álcool e sexo, são temas de grande valia para contextualizar questões de gênero, sexualidades e identidades na escola.

Valéria Marta Nonato Fernandes Mokwa, Fátima Aparecida Coelho Gonini e Paulo Rennes Marçal (2008) ao trabalharem sobre “o resgate das lembranças da juventude através da música como meio facilitador para apreensão da sexualidade” consideram “a importância que a música revela ao se trabalhar na apreensão das representações, principalmente nas questões que se atrelam a sexualidade” (p.5) e eu reforço essa afirmação, considerando que

a escola é um espaço para o sexual, seja pela própria manifestação da sexualidade no corpo, no cotidiano e nas atitudes dos adolescentes em geral, seja pelo fato de ser um ponto de encontro para o estabelecimento de relacionamentos, sexuais ou não” e isso “torna a escola ideal para a investigação das representações simbólicas dos adolescentes (GIMENES E RIBEIRO (2002, p. 63), apud MEYER; RIBEIRO e MARÇAL, 2014, p.11).

Conclusão

A partir das três posições delimitadas para análise: corações pulsantes, alternativas e *ginga*, percebi que muitos são os olhares que poderiam se debruçar sobre esse universo da pesquisa, porém, sob o meu olhar de pesquisadora, os apontamentos conclusivos me levam a verificar que as representações de gênero nos trechos de músicas transcritos são variadas. Algumas dessas representações fogem um pouco dos padrões do que é ser feminino ou masculino. Por exemplo, o fato dos meninos terem demonstrado romantismo ao preferirem trecho da música “tão longe de você”, do Grupo Revelação, aponta que não só as meninas, ou mulheres, são românticas, muito embora a expressão de romantismo possa ser diferente em cada época. Por outro lado, o romantismo apontado pelo trecho referido acima, tende a expressar um pouco de machismo, pois pode vir a dar a ideia de que o homem vai à conquista, faz loucuras, e a mulher fica em uma posição passiva, a espera de ser conquistada.

Também se podem perceber novas possibilidades de construção de mulheres, mais ousadas, característica que outrora era atributo da maioria dos meninos e homens.

Considero que o universo dos adolescentes entrevistados é terno, cheio de expectativas frente ao futuro, porém recheado de jogos amorosos nos quais, por seu interesse musical, pude perceber papéis de gênero bem marcados que nós como educadores, podemos tentar desconstruir. Essa desconstrução pode se dar a partir dos temas de sua preferência, tais como os referidos na pesquisa: aparência, álcool e sexo.

Levando em consideração que, segundo Marj Kibby (1997) apud Louro (2007 p.98), “representações são apresentações”, isto é, são formas culturais de referir, mostrar ou nomear um grupo ou um sujeito, os trechos musicais transcritos pelos estudantes dizem algo sobre esses sujeitos, sobre os sentidos que esses sujeitos tomaram para si. Como meus sujeitos são adolescentes, os modos e traços da adolescência atual podem ser identificadas no pertencimento ao grupo e nos sentidos de suas escolhas.

O outrora a adolescência era entendida como um tempo de transição entre infância e o mundo adulto, mas atualmente parece estar em constante reformulação frente às rápidas transformações decorrentes nos dias de hoje. Há que se considerar que

não se fala mais da adolescência, no singular, mas de adolescências, no plural. Isso porque as experiências de ser adolescente, sejam no plano físico, psíquico ou social, são distintas para cada menino ou menina, por vários fatores: o lugar onde se vive, por exemplo, ou também a forma pelo qual o adolescente interage e participa, seja da vida familiar, na escola, no bairro onde vive, na cidade onde mora (Marie-Pierre Poirier, 2011, p.17).

A passagem da adolescência está intimamente relacionada à história e à cultura, em suas transformações progressivas. A música como sendo uma forma de cultura vem se transformando a cada geração através de gostos musicais que se diferenciam ao longo dos tempos e esses gostos podem revelar produção de significados simbólicos e construções subjetivas das quais poderemos nem nos dar conta.

Os professores também precisam estar atentos às diferentes formas de expressão dos alunos. Muitas vezes a repetição de paródias de músicas alusivas à sexualidade pode significar uma necessidade não verbalizada de discussão e compreensão de algum tema.

Faz-se necessário que os professores deixem de lado a transmissão mecânica de informações e incentivem os adolescentes a pesquisar e refletir sobre o assunto.

Os adolescentes de hoje convivem em um contexto histórico-cultural singular no qual a tensão local e global se manifesta de maneira crucial. Jamais houve tanta integração globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão profundos os sentimentos de desconexão.

Com efeito, das profundas mudanças no mundo contemporâneo, os jovens foram atingidos de maneira particular. Entretanto, ser adolescente em um mundo dominado pela mídia, especialmente a mídia musical, tornou-se um marco desta geração. Essa dominação, ou melhor, a predileção por essa ou aquela “dominação” musical nos dá uma ideia do universo do adolescente atual. Buscar utilizar-se de músicas como meio facilitador de educação para uma melhor compreensão de papéis de gênero com os adolescentes, pode ser uma boa opção, inclusive aprofundando-se temas tais como: de onde vêm esses conjuntos e músicos de sucesso? Quem patrocina esses grupos? Quais os interesses políticos da mídia em investir em determinadas músicas em detrimento de outros estilos musicais?

O que apresento neste artigo foi apenas uma das formas de exemplificar como a escola pode trabalhar com esses conteúdos que as músicas trazem e que nem sempre estão explícitos.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação sexual, Brasília: MECSEF, 1998, p.285 a 335. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/fabiowlademir/parmetros-curriculares-nacionais-orientao-sexual>>. Acesso em: 10 out. 2013.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 1999, p. 83 a 111.

LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 101-132, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

MEYER, D. E. Gênero Sexualidade e Currículo: gênero e sexualidade na educação escolar. In: **Educação para a igualdade de gênero**. Ano XVIII – Boletim 26 de novembro de 2008. p. 20 – 30.

MEYER, D. E. E.; RIBEIRO, C. e MARÇAL, P. R. **Gênero, sexualidade e educação:** ‘olhares’ sobre algumas das perspectivas teóricometodológicas que instituem um novo G.E. 16p. Disponível em: <<http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos27.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1998.

MOKWA, V., FERNANDES, M. N.; GONINI, F. A. C. e, MARÇAL, P. R. O resgate das lembranças da juventude através da música como meio facilitador para apreensão da sexualidade. In: **Fazendo Gênero 8** – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. 6p.

MOLL, J. Palavra de especialista. In: **O direito de ser adolescente:** oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades / Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF: UNICEF, 2011. 182pp, p 88. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

POIRIER, M. P. **O impacto de ser menino ou menina:** situação da adolescência brasileira 2011. In: O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades / Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF: UNICEF, 2011. 182pp, p.58. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2014.

SILVA, H. L. da. Gênero, adolescência e música: um estudo de caso no espaço escolar. **Em Pauta** - v. 17 - n. 28 - janeiro a junho de 2006. 22p.